

NAU ENFEITIZADA

claroescuros corunheses

Xosé Devesa



EDICIÓNS do CASTRO
poesia

JOSÉ DEVESA

NAU ENFEITIZADA

Edicións do Castro

Sada – A Coruña

Imprenta Moret

A Coruña

ISBN 84-7492-005-1

D.L. C-149-1979

Cuberta e ilustracións:

XOSÉ DÍAZ

Prólogo 2018

O 6 de abril de 1979 (vai para quarenta anos!) no acto de enterro de Luís Seoane em Santo Amaro da Corunha, o inesquecível e imprescindível Isaac Díaz Pardo comunicou-me a saída nesses dias do prêlo de Ediciós do Castro do meu Nau enfeitizada - Claroescuros corunheses.

A liberalidade de Isaac déu-se em dous planos: no económico, assumindo o custo da edição, e, particularmente, no intelectual, a sua abertura a respeito do aspecto normativo da nossa língua -quando ainda estávamos a tempo de.

Pois foi este apenas um intento do autor por visibilizar um prudente achegamento à ortografia da variante portuguesa -coa adopção dos dígrafos lh e nh para as letras espanholas ll e ñ e a recuperação do uso de g diante do e e do i e mais do j, -que já utilizaram os nossos gramáticos mais cultos como Valladares-, sem por isso perder um ápice da personalidade própria da variante galega do idioma comum. (Mais adiante este mesmo autor se decantaria pola adopção definitiva da normativa reintegracionista).

Essa abertura do nosso amigo em terreno tam conflitivo -até hoje- nom era senom mais umha manifestação da amplitude mental que o caracterizou, em parte talvez genética, e noutra, sem dúvida, nascida na trágica andaina vital que lhe tocou em sorte e que, dalgum jeito, esteve lamentavelmente e novamente presente nos seus últimos anos.

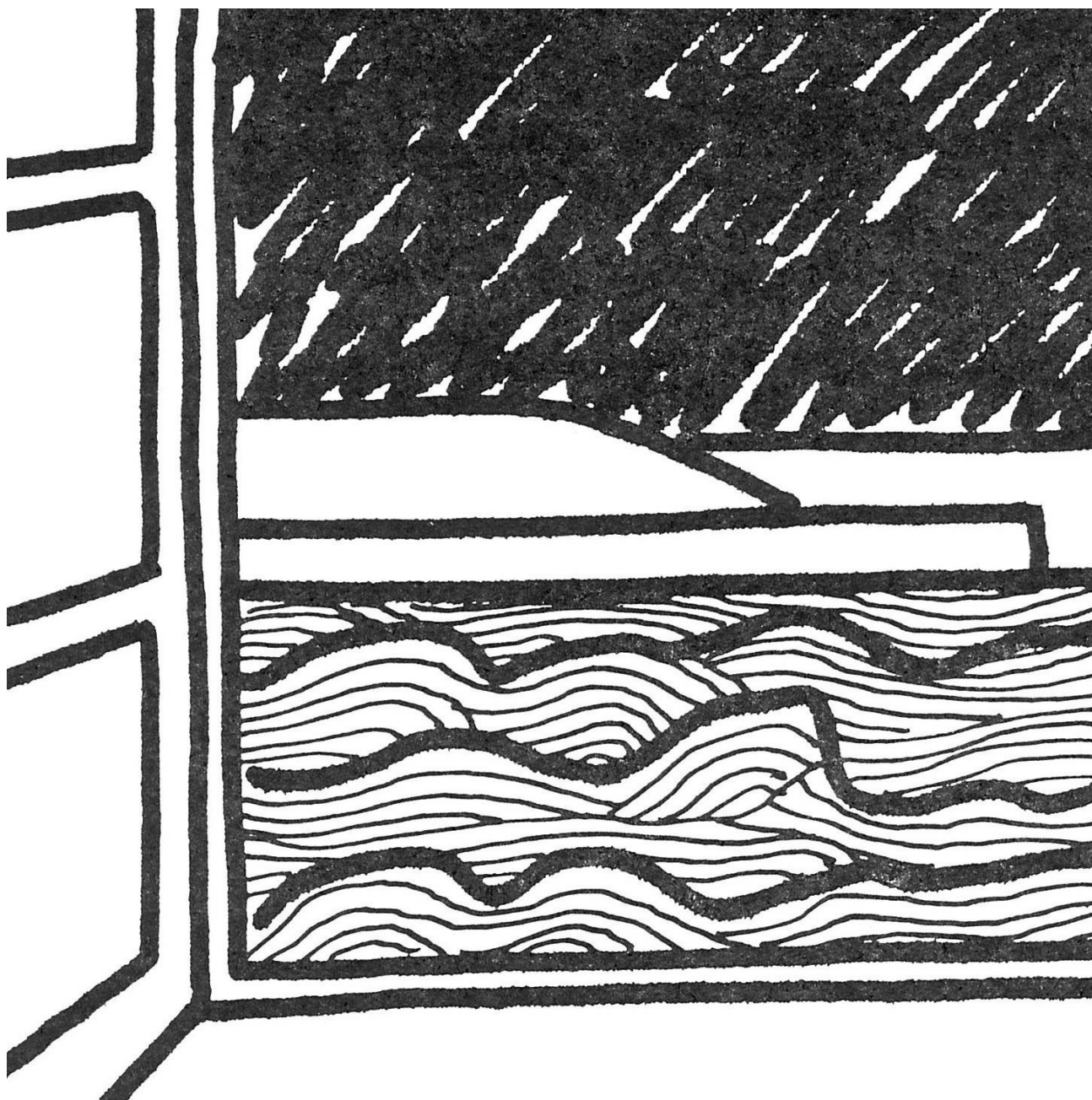
Dita advertência ortográfica e a vontade de contribuímos ao resgate do cerne galego da Corunha ficaram expostas na Justificazom que abria aquela primeira edição da obrinha que agora traemos aqui, produto da observação curiosa de alguém que retornava à vila da sua primeira infância arelando recuperar para si a sua essência eterna.

Esta reedição vai acrescentada co capítulo Trasacordário, que contém, escolmados, versos editados nos anos 1984 e 1985 (De amor e desamor) e 1997 (Aquele luz) e, ao nom se ter aggiornato, fica ancorada em algumas realidades actualmente inexistentes. Aproveitou-se para suprimir o Glossário final.

E oferecemo-la como tributo duplo àquele home generoso como poucos e mais a Francisco A. Vidal, este amigo de sempre que nos abre hoje esta artesa dos livros, com parelha generosidade.

Montevideu, no Dia de Castelao, 30 de janeiro de 2018.

JOSÉ DEVESA



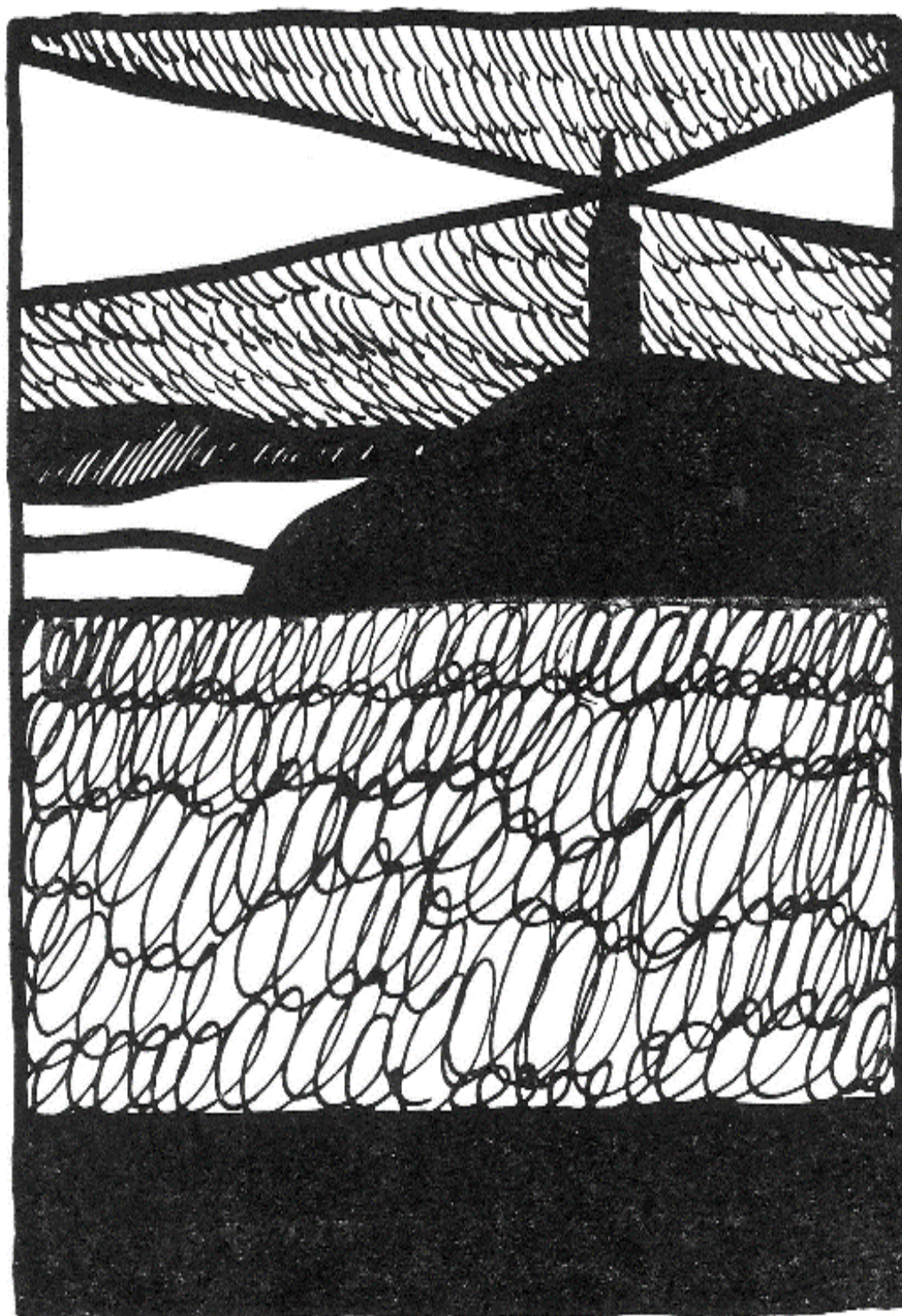
NAU ENFEITIÇADA

(claroescuros corunheses)

Em lembrança de EMÍLIA (1851-1921), WENCESLAO (1885-1964), JULIO (1894-1967) e quantos outros figerom louvança da minha vila.

NOCTURNÁRIO

Para Xullo V. Veiga



É noite de luar. Gatos furtivos.
Farolas esguineiras que alumeam
românicos vigiados por cruzeiros
em ressonância de cidade antiga.

É a hora das fontes. O silêncio
somente racha p'ra escutar as vozes
líquidas e rimadas que salmódiam
um canto a recuncar fora do tempo.

Tras os muros dormente multitude.
Na rua algumas dúzias de noiteiros.
Todos compõem um universo estranho:

Uns, peregrinos dos seus próprios sonhos;
outros, donos da noite vagabunda
na vila, que é umha NAU ENFEITIÇADA.

De certo que esta vila nom seria nada sem o seu mar; e ela assim o entende quando o
agarima cos seus milheiros de luzes, como pequenos trasnos amigos no meio da noite.

Demasiado se tem falado da Cidade de Cristal referindo-a às galerías que a adoviam,
síntese de auga mais luz. Mas também abunda outra caste de cristal: o dos trinquês. Por eles, a
cidade é, na noite, umha jóia luzente, qual se tiver de cristal o mesmo coração.

A Torre é como o florescimento do rochedo que a ergue; e cuido que até a derradeira
pena do promontório, a mais afundida nas augas, sentirá a ledice de suster esse velho lume que,
noite a noite, fende as trevas.

No longo anoitecer de maio entabla-se umha amizosa tenção entre as primeiras
luminárias celestes e mais as luzes das lanchinhas pesqueiras, estrelas caídas no horizonte do
Orzám... Hai um momento no que vam aparecendo estrelas arriba, estrelas embaixo, e a vitória
está indecisa. Mas, segundo medra a noite, as lanchinhas acabam perdendo. Só estando o céu
nublado, como se os de enriba abandonassem o lance, os pescadores ficam sós, para virem dar
em simples lunes, ailhados na moura e infinda desolação do mar.

Desolação apenas quebrada por outro novo diálogo a se armar entre as luzinhas dos
pescadores, alá longe no horizonte, as janelas alumeadas, acá em terra, e mais os feixes luzentes
do Faro, acolá enriba, chiscando, a ritmo de quatro, o seu olho petrual e potente.

E, ao cabo, nom sabe um a quem lhe dr mais creto: se às estrelas, que jamais havemos
de acadar; se às barquinhas, que podem nom voltar; se às efémeras janelas; se à velha Torre
que, para os que ficamos em terra, nom passa de ser um gigante vagalume.

Ó camélia e magnólia que se extasiam,
sonho de primavera, curro do mundo,
cidade derramada polas baías...
já p'ra sempre galega baixo da lua.

Polo que foi o Derribo, na noite ainda moça, soa o relógio do Concelho, e um cam
anónimo bota a ladrar, em asanhado diálogo. Logo calam os dous. Ao influxo dos pétreos muros

e as farolas amarelas, o vagabundo sente-se chuchado polo Onite, através da escuridade engaioleira: e quanto mais se adentra na Cidade, mais cai no velho tempo.

Mas, de súbito, numha certa revolta do caminho, sai-lhe ao encontro umha longa e surpreendente teoria de luzes: voltou o tempo novo, com o seu melhor regalo, e por riba da Baía em sombras, nascendo na outra banda para se chegar aos pés dos canhões inofensivos, o home cré ouvir aquelas doces verbas que começam:

Se me dessem a escolher...

Árvore: peneira da lua.

Lua: farola da noite.

Noite: berço do silêncio.

Silêncio: espírito da morte.

Anoitece no Dique. É o pleno veráu. Um abano de baros que voltam, como fugindo da derradeira luz do poente, semelha umha pacífica, proveitosa invasom.

As andorinhas seródias, que se diriam nadas do próprio luscofusco, topenejam qual morcegos, no ar tranquilo.

A baixamar, como um lago recendendo a maruxia, inda convoca ailhados pescadores. Vam-se acendendo os faros e farechos sucessivos: Mera, o verde de Santa Cristina, o vermelho do Pantalám petroleiro, a Torre... Mais tarde o do mesmo Dique, em verde, e, prolongando a sua linha, o vermelho da boia que surge na bocarria... Todos num a jeito de teimoso, titilante jogo.

No horizonte mais cercano recortam-se: acó, a vila velha, co campanário de Sam Domingos deixando passar a brisa polos seus curvos vans; e acolá, a vila nova, qual bosque de cemento, no que vam prendendo, passinho a passo, as luzes e mais algum que outro rechamante neom.

O céu, segundo negreja, com mais fachenda loze a jóia mourisca da lua apenas crescente, em alto palique coa estrelinha do luzeiro. (Esta feliz redundância figura numha cantiga popular que comeza: *Estrelinha do luzeiro/ ti bem o debes saber...*).

A falta de estrelas e lua, a noite agasalha-nos com um recendo a bréu, o ronrom dos barquinhos, o zoar dos coches, e centos de luzes, douradas, verdosas ou vermelhas, reflectindo no mar, como guedelhas de divindades... E hai quadrados e rectângulos luzentes, mais ou menos nítidos –as janelas dos quase-arranhacéus-, que dam a esta cidade, querida e cuitada, o jeito dumha vila populosa...

Tamém nisto é dipomática a noite, no seu varrer de monstros edilícios, trocando-os em jogo de artifício, teoria de bengalas, ou astros ao alcance da mao.

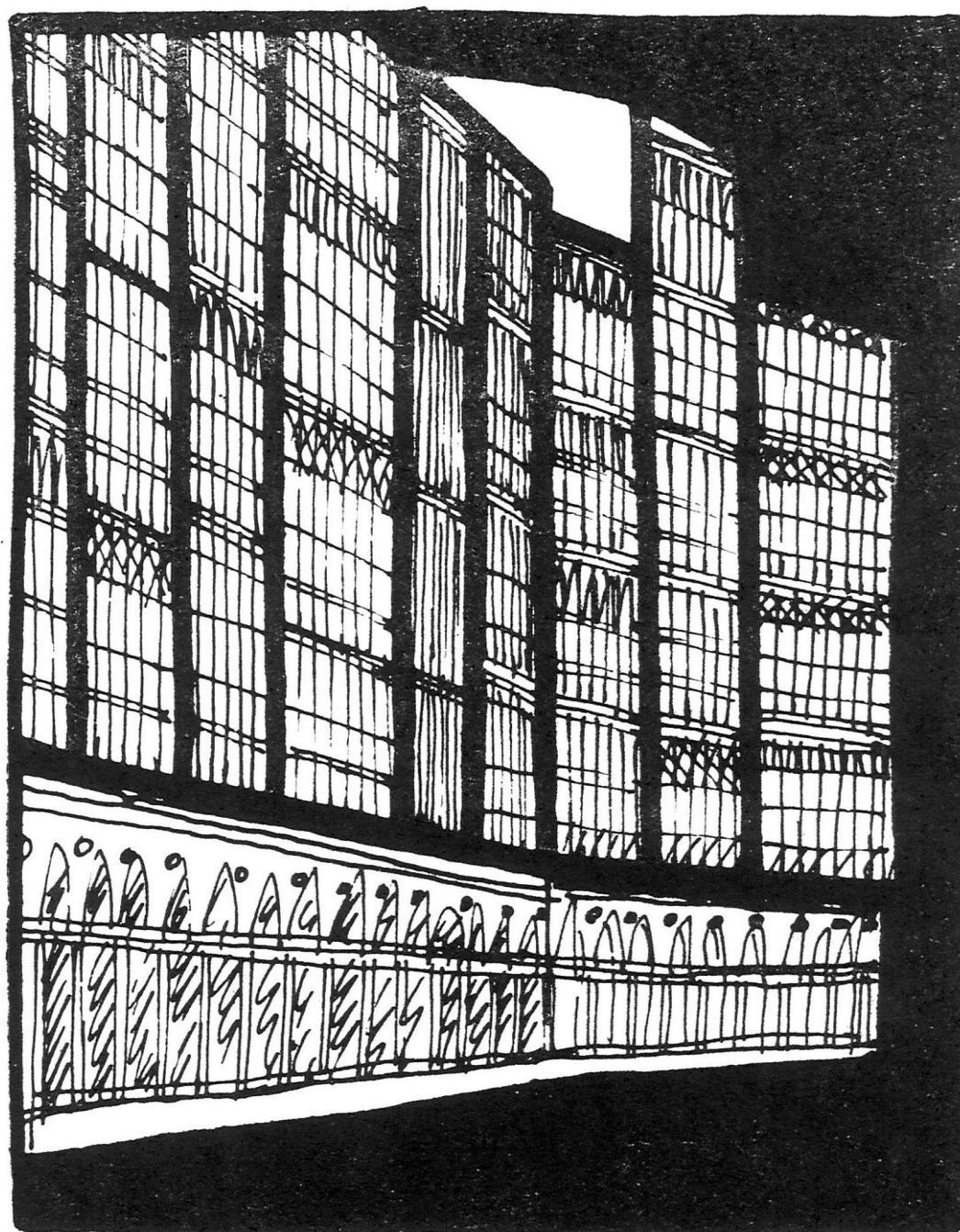
Escura, queda, ourente,
inda que muda, viva,
na noite, a vila é mansa
como umha irmã querida...

E torna a ser o berço
que um dera por perdido... (Este termo, intraduzível -olente, recendente?- fai aqui um papel maiormente eufónico, e atopei-no no cantar que comeza: *tl és umha flor ourente/como a quer o meu desejo...*).

À nossa maltratada cidade acai-lhe bem a noite: pois na sombra esvaem-se as suas misérias e mais os seus esperpentos fam como que florescem numha diadema cintilante, que cinge a moura testa do mar.

CEMENTÁRIO
CE MI T É RIO

Para Xavier Alcalá



Um cam brincando no jardim
da rua
é umha
inxele testemunha
que a vila necesita
urgentemente.

Coa sua cor branca
e negra,
o foxterrier-pelo-duro
é umha
natureza movente,
leda e livre,
sem artifício algum
se nom é o jeito
no que o cam vem de longe
domeado
nas maos do *homo erectus*...

Um cam, mirado bem,
é ainda mais puro
do que um cachorro humano,
-o qual, pr'a começare,
vai vestido...

Esse cam branco
e negro
a dar os seus brincos,
e esse verde jardim
cativo e só,
como salvados do cimento frio...
semelham estar feitos
à medida
pr'a entrar na nossa alma
e fabricare nela um novo sonho...

O Monte Alto relembra-lhe a um esses moços inquietos de mais, que quereriam chegar nuns messes aonde outros tardarom anos, e fam-se de improvisaçons e em troque de muito desenganho.

Se se tinha de encher de casas, estas deverom-se formar pousadamente, domeando o Monte, nom abusando do seu silêncio de pedra.

O resultado foi um labirinto lóbrego -que já o quigera Dédalo-, onde se suspeita o mar a anacos perdidos: verdadeira antesala da Prissom que, por umha ironia -de certo nom advertida polos seus moradores forçosos-, tem ao redor seu mais ar que qualquer edifício baixo do Monte...

As gruas da construçom, sobresaíndo das casas, semelham esqueletos acusadores, num labor de gigantes romanas a sopesar a pouca vergonha de certas persoaginhas que estão teimando por destruir a harmonia vilega... E a vila esgrime as antenas da televisom, qual se se tratar dos seus próprios cabelos ouriçados polo nojo.

Hai algo de mágico no voo desses, seique danosos, bandos de pombas -ou o que forem-
... Como um conjuro ancestral para salvar a vila desse abafamento mal chamado civilizador.

O Passeio do Orzán, a Ronda de Breogán, a estrada da Torre, o Passeio do Parrote..
quatro partes dum todo inacabado nos extremos -Sam Roque de Fora e A Casa Branca, por cada
banda- e interrompido no seu centro -Cidade Velha- pelas instalaçõs militares, que nos
impedem ter um passeio de circunvalaçom porventura único, dada a peculiar configuraçom da
vila, com dez ou doze quilómetros de longitude à beira do mar...

Peirau em soedade. Nom vim
nunca
cousa tam só como el,
cimento em soedade
frente ao mar,
força apreixada e morta,
imóvil e inumana
-mália ser obra humana-
frente à forza ceive e viva
dinámica e humana?
da ria.

Peirau que já nem adoquins
te formam:
cimento desde a base
terra sem terra, chao sem alma
coutando o mar.

Peirau em soedade:
sem barcos -em ausência
nocturna- só habitado
de luzes e de alpendres
valeiros... e do vento...

Peirau cumha morta cheirume
a bréu e peixe.

Prazes-me igual, peirau,
porque já es parte
da vila em onde eu moro
voluntário e por obriga
à vez.

Peirau em soedade
-como o home
só frente à
multitude inconsciente do mundo
irracional
arrandeado polo
halo cósmico.

Certos vilegos vnherom fazendo ultimamente o impossível por destruir o engado da sereia que têm por mai, pondo-lhe cimento polo vao e polo corpo todo. Mas que puderom, os cativos, contra a paisagem e mais umha velha vocação de harmonia?

Houvo umha época -cada volta mais distante- na que a cidade semelhou estar num triz de se arredar da campia, quebrando-se pola Alameda Velha, para botar mar adiante, imenso *Barco Inmóvil* de Wenceslau, numha exposição flotante dessa meiguice de seu. (A velha Alameda atopava-se onde a actual rua Juana de Vega).

O Dique imita um braço que a vila adiantasse num tolo afám de pedir socorro ao além, por mor do cimento desbocado que a devora co seu bafo em gris crescente.

É como umha estrela marinha a morrer baixo a pouta dum cancro agromado nela mesma, que, em esforço sublime, inda botasse um tentáculo sao, ao jeito dum derradeiro berro esperançado.

Ou pior, como a bágoa fugidia dumha daquelas belidas doncelas medievais, que acabavam no leito do senhor de turno, vítimas da sua própria, gratuita formosura.

Mentres noutros sítios abrem canles marinhos, aqui incorporam-se ilhas: tal passou co Castelo de Santo Antom e mais coa Pena das Ánimas. Qualquer diria que se pretende ir a pé enxuto desde a Cidade até Santa Cruz... polo atalho.

A Dársena é um formoso anaco de mar humanizado morralha à parte-, que seria um crime afogar: igual que se abafássemos, num pronto de cinismo, o velho cam da casa.

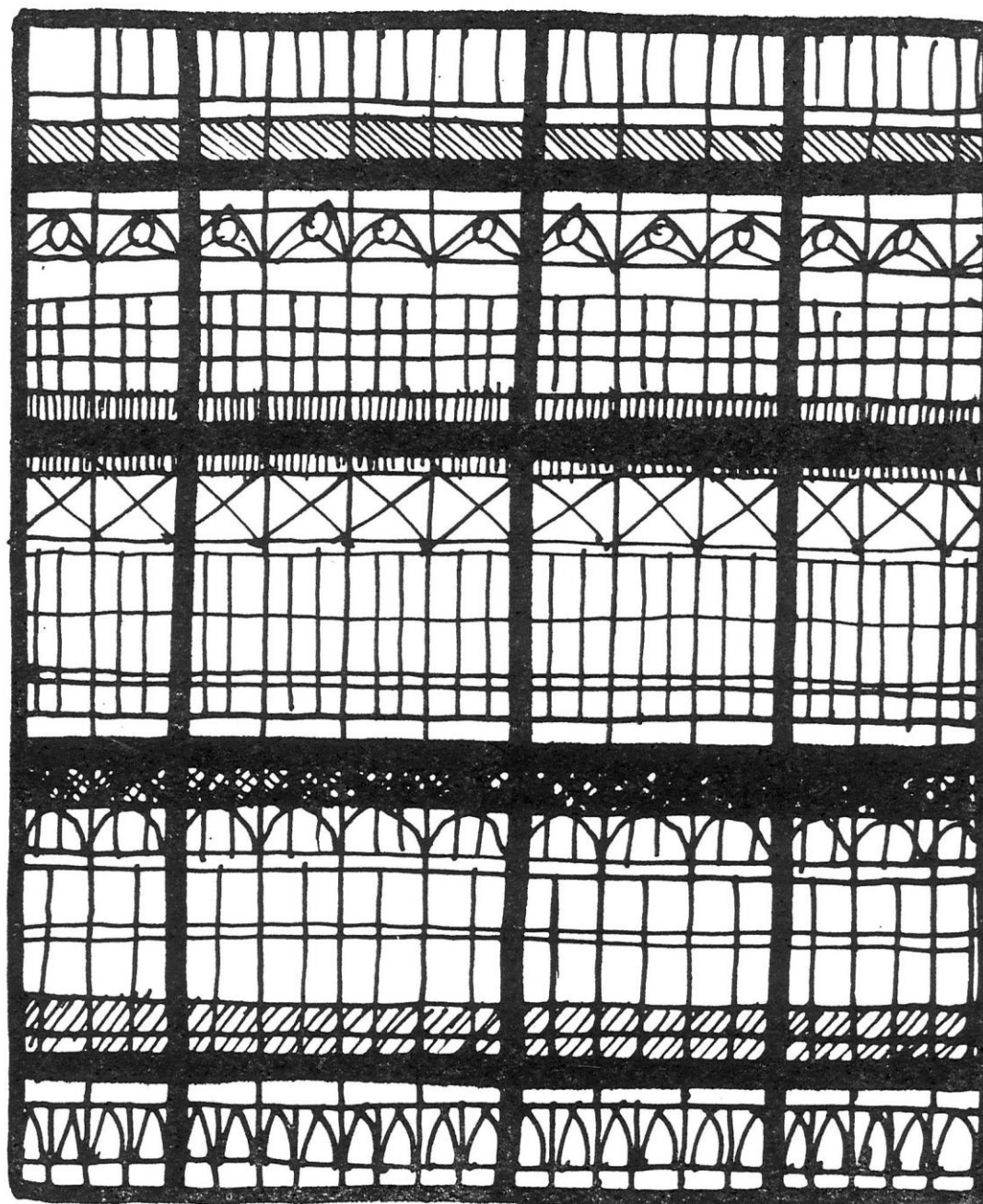
Nom vistes nunca a ervinha que nasce entre os raís do que foi ferrocarril do porto? É como um ledor berro da natureza, mália o ferro e os adoquins que todo o levam por diante.

Deu-me um goço vé-la, na manhã outoniça e venteira, medrando clara e fresca, numha verdadeira lição de otimismo...

Xadrez luminoso
cada noite é a cidade,
como vestidos de arlequins
os edifícios,
até que, aos poucos,
vai-se tornando
todo el morea
informe, inumana
a força de acovilhar mulheres
e homes,
nenos e velhos deitados,
armazenados, imóveis
ringleiras cos pés por diante,
a ensaiar
ateigados,
futuros
cemitérios.

ELEGIÁRIO

Para Xosé M. Oca



Tal umha ilha ventureira e nú,
surges, sonho do mar, branca gaivota,
estrela multicolor, pérola viva,
de Castelo a peirau, de praia a Torre.

E entras, doce invitada, polos olhos
pr'a instalar na minha alma a tua beleza
polo vieiro insólito do sol
cintilante no outono temporám.

Um instante cavilo que é bem triste
abandonar pr'a sempre o teu engado
manhá, sem te levar ao infindo além...

Mas aginha reparo na evidência:
Assim, como te eu vejo, minha vila,
comigo morrerás quando eu morrer...

Nas Casas Consistoriais cumpria levar um *registo de edifícios*, no que se fizesse a história sentimental da cidade, coa relaçom dos que se erguem cada dia, e, ante tudo, daquelas velhas casas -grandes ou cativas-, derrubadas de intento, que põem luto nas entranhas invisíveis da vila de quem som filhas... quanto mais antigas mais legítimas, em razom do material enxebre que as formou.

Como um quadro de xadrez, colorido xadrez triste, é essa parede hoje publicamente nú, que, antes da demoliçom, acovilhou tanta intimidade.

Parede que se brindará ao jogo alternativo de sol, chuva e vento, até que o novo edifício a venha borrar para sempre... tirando-lhe, à vez, à casa do fundo, estas vacaçons de luz que estivo a gozar um tempo cativo.

Semelhante às imagens enluidadas co pano morado na semana santa, hai no Cantón Grande umhas casas que estão a derrubar, co pano vergonhoso das demoliçons, como tentanto acochar o crime de tres ou quatro galerias menos.

(Umha galeria menos)

Caíu o encaixe
do teu corpo
-doce suicídio-
como se ninguém
o figera esbarar,
apaixonada e
lenemente ao tempo.

E eu entrei -nús- por ti
rua por rua
na noite do teu ser,
na enorme e quente
noite
mergulhei-me
por um e outro corrunchio,

em cada sombra
fiquei alheio a mim
de tam teu, rula...

Cansei-me e repousei
todo o que quigem...
-e ti muda e escura,
imóvil e disposta
como umha amante
fiel...
(cidade minha).

Qual praga do Egipto, anda rondando a praínha -chamada por mal nome do Matadeiro- um sangue cotidiano, sujo e irredento: um pouco como símbolo da contaminação de hoje em dia, que, na faceta doméstica dos refugelhos, também vai invadindo a nossa vila, em luta coa limpeza, já tópica, do cristal que a define.

Os poderosos que na vila campam, consentiram ao mar engolir milhares de toneladas de petróleo. Mas o mar, abafado e farto de receber os farrapos nojentos da civilização, arroutou um cheiro fedento e acabou por golsar o mouro combustível que lhe matara a sua riqueza. As areias, as algas, os cons, a própria espuma... perderom o seu recendo e mais a sua pureza, para se tornar sujas e cheirentas. A vingança levava-se a bom fim.

Por trás do Peruleiro alvisca-se o fume que sai do vertedoiro de Bens, fazendo do monte proximo umha a jeito de cresta volcânica: mas esta nuvem que apesta o limpo ar mareiro da vila é ainda mais ameaçante do que a lava que, a fim de contas, fertiliza a terra que de primeiras queimara.

Rente dos miserentos, fedentos lupanares de enésimo ordem, o antigo convento de Capuchinas, fechado a incenso e reixa: o velho vício e a virtude pola velha, dando um anacrónico conjunto, esse comum denominador do queu está condenado a morrer aginha, para 'so viver na cativa crónica do passado vilego.

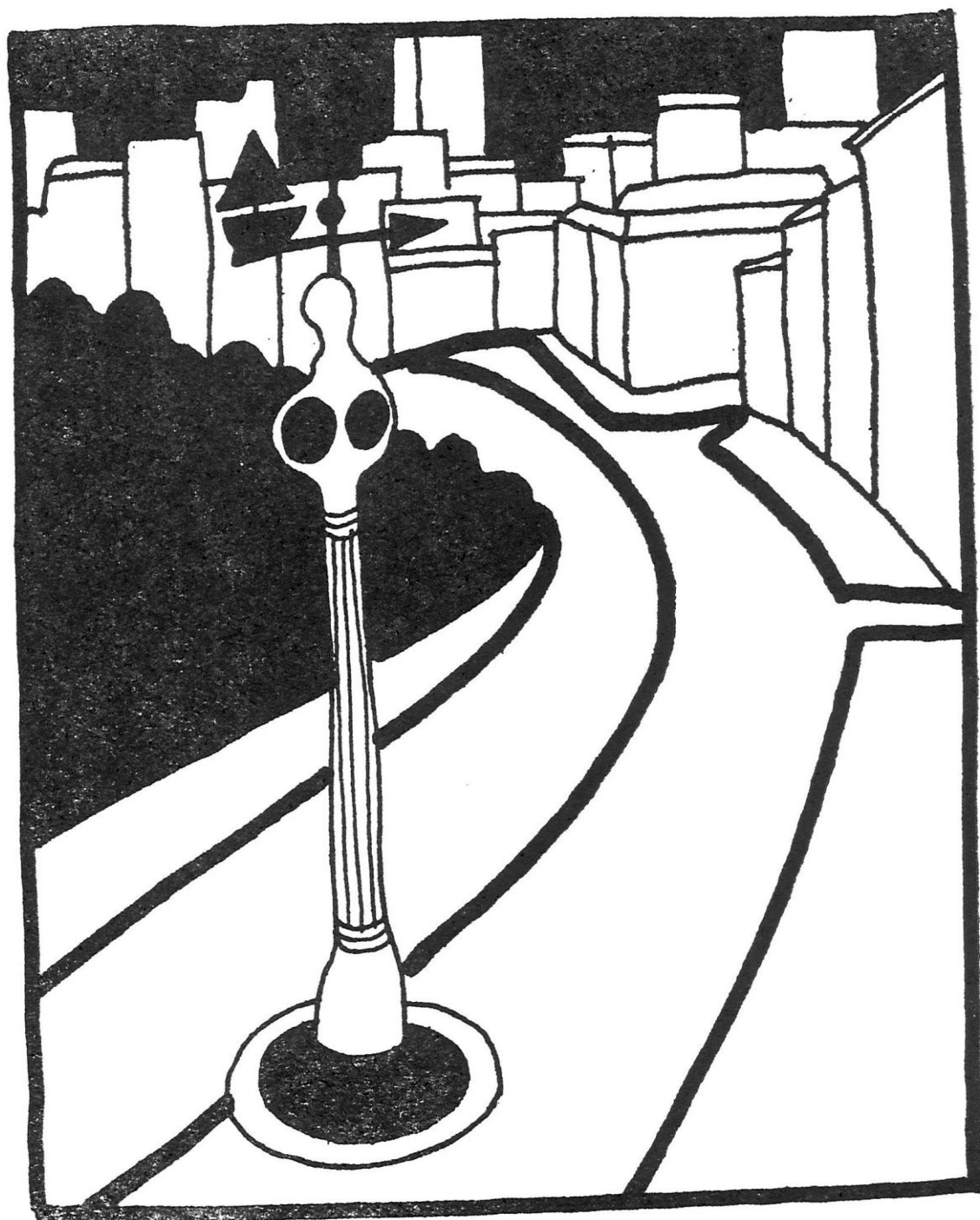
Surgem por aí, de quando em vez, umhas árvores valentes, heroínas senlheiras a medrarem nesses jardins inadvertidos -sucursais de longínguas fragas-, quixotes que lembram umha recochada vilinha de outrora, e estão a pedir a berros -púcaros musicais à beira dos solpores- que os salvemos da malfadada morte a que, sem muito tardar, ham ser condenados.

Camposanto -maioria de homens mortos de seu-, Campo da Rata -homens *passeados*-, Cadeia -homens aferrolhados-... Fitos abondo crueis numha excursom pola nossa periferia urbana.

No murado jardim, fronte ao mar, hai ou houve soterrado um nosso vizinho nado na Escócia, que nos está a dizer, entre brisa e sombra, que se é dali onde se morre...

FANTASIÁRIO

Para Xoán I. Taibo



Todo irreal:
a luz, o mar, o vento.
Geometria de sonho.
O fume ao longe.
As amarras em algas
florecidas.
A muralha do Dique
projectada
sobre o chao -polo sol-
sombra sem fim.

Todo irreal nom sendo
esta canseira
do meu corpo,
os meus passos
cara a ti.

Com esta vila, tive a sorte imensa de a reconhecer aos vinte anos da minha idade. Foi como se eu nacesse nela umha segunda volta, resolvendo entom as incógnitas que o seu sorrir deixara nos meus seis anos rapazes. Eu vinha cumha longa sede de emoçons... e ela colmou-ma por muito tempo.

No nevoento horizonte, inverniço e solporento, o mar semelha se esvair no infinito e no eterno.

O Obelisco -essa coluna que a maior parte dos vilegos nom sabe que comemora-, medrou co tempo: qual se fosse umha palmeira mágica, certo dia a pedra ergueu-se dum brinco, pujando cos edifícios que a arrodeavam, os que, como sempre, acabaram por *dar mais*. (O Obelisco foi elevado a mais o ano 1951).

O chamado *edifício Mediodia* fai co Faro os ofícios de biombo polo que só asoma a encristalada testa da Torre, co seu *esprit* de pedra.

A Torre mostra-nos a perdurabilidade da beleza: hai douscentos anos que vestirom a sua nudez romana cumha roupagem neoclássica, e aínda nom passou de moda... nem passará.

A manhã está doce como um berço,
o mar é mesmo um lago sem fronteiras;
o gando, o fume, as casas populares,
a eira em fruto, o prado e o palheiro
criam a aldeia acô, acarom da vila...

É um milagre que o verde permaneça
acarinhando a Torre no seu cume,
no rochedo ancestral agatunhada,
tal um berro senlheiro no horizonte,
ébria de liberdade, como umha águia
a remontar o céu da cidade
nesta morna manhã de v'rau morrente.

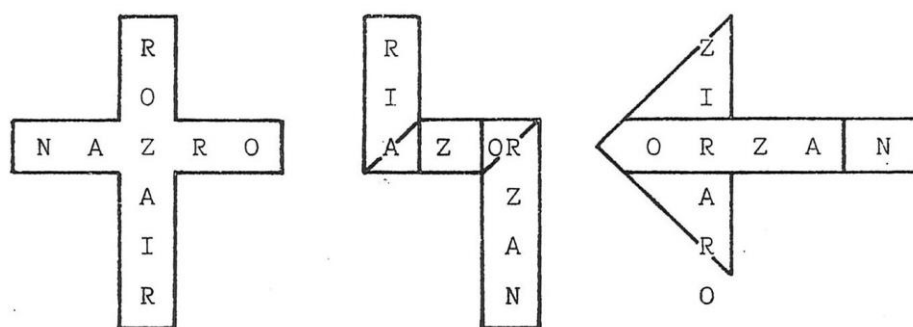
Indo caminho da Torre, na soedosa tarde dominical e tempestosa, um chega a sentir, cumha certeza cabal, que está a dirigir os seus passos cara ao cabo do mundo, cara a outro desses tantos fisterres que ficam nas nossas ribeiras, acarom dos luminosos fitos dos faros altaneiros.

O mar de Santo Amaro dá-lhe ao Campo Santo o jeito dum doce tobogám de ossos que, ajudado do vento cotidiano, fosse em procura da liberdade das ondas, baixo umha luz aberta a todas as fantasias.

Quanta razom tivo o Picasso cativo ao escrever: *El viento continuará mientras La Coruña exista*. Pois que o vento é quase o elemento essencial da vila, como se, no primeiro abreinte, daqui saíra a brisa recém criada.

Às vezes um pensa que, de ter um lenço forte avondo para o colher entre duas torres, ao jeito dumha vela, a Marineda de Emília botaria-se por esses mares de deus, à procura da absoluta liberdade para a que foi nascida.

Ri/azor... Orzá/n... Duas palavras prodigiosas de anterga resonância, às que nom ousou achar nem tam sequer umha soluçom poética.



Cam mouro como a noite
entre as ondas e as penas
na manhã bretemosa

a correr pola areia
da praia soedosa
tolo de natureza

pastoreando gaivotas
esguedelhando escumas...
cam mouro como a noite:

ti és tal a liberdade
sem metro nem alcunha

que logo ha estoupar

na Terra Nossa!

A igreja de Sant'Iago, decana da anguidade vilega, co seu jardinzinho murado e mais co *campanile* que foi polvorim... tem aquele prestígio de *adro de juntas* do Concelho medieval: por umha banda a força, pola outra o direito.

Asomada às aspilheiras da muralhinha que arroteia o Castelo, cos olhos no longe da Baía, um sente-se navegar, como se a fortaleza, co seu feitio de nau pétrea, andasse cara à vila... Quando a verdade é que foi a cidade quem, saindo-lhe ao encontro, lhe roubou ao rochedo o seu privilégio de ilha um tanto misteriosa.

Meiodia de veráu. No porto a recalar hai umha dúzia de veleiros, alguns no meio mesmo da Baía. Erguede umha mao, abride-a, fazed de um O cos dedos índice e polegar... e olhade por el: como num caleidoscópio mágico, sobre o telom de fundo das Marinhas, afortunadamente um chisco bretemoso, veredes um quadro talmente pretérito, no que os lancais mastros rimam o seu abalar coa dourada quietude do Castelo.

As lenes escumas brincadoras que sobem e baixam arréu os patins do peirau, som as mais moças filhas do mar, a fugirem umha e outra volta, em jogo eterno, do seu absorvente domínio petrual.

Rente do outono, o mar reestreia as suas primeiras rebeldias, e os rapazes têm nel o melhor companheiro de jogos, ao tempo que lhes deixa nos beizos essa salgada essência, agarimo da imensidade, feita de auga e vento, mistério e lonjania.

Na Dársena enlaxada nas mouras baixamares, a auga joga a abandonar definitivamente os paquebotes do varadeiro; mas logo volta e segue a tentá-los, sabendo que, um dia qualquer, um trás do outro, se entregarám a ela por muitas singraduras.

Como um poema de luz e nitidez som as galerias. Ou se queredes, umha oraçom feita de humildade e limpeza. Humildes por singelas e chás; limpas, por nom exigirem, para serem belas, mais do que a nítida transparência do cristal.

Polo veráu, quando quase que fire o ridente brilhar das galerias da Marinha, resta o recurso de se acochar no sombricho acougo dos suportais: dous jeitos da formosura.

Ainda restam, nesses remansos vilegos, algumas galerias que despontam entre a edificaçom, dando-lhe um certo ar campestre. E, quando na rua o relente madrugueiro dá a sua derradeira cuitelada, naqueles cristais hai umha eclossom de luz, como que mais garimosa e popular do que a da Marinha.

É um limpo anoitecer de primavera.

É um porto envolto em brisas de ningures.

É um horizonte rosa que se esvai.

É umha cidade perto e outra longe.

É um mar enrabexado um muito sujo.

É um peirau a pousar à fim do dia.

É umha ausência total de voos e chios.

É como um quadro vivo e morto ao tempo.
É um rodar que nem cesa nem coas sombras.
É um homem namorado a caminhar...

Andavam as pombas a revoar acarom do edifício dos correios, e dei eu em matinar que eram pombas mensageiras que tinham morrinha de levar novas para alguém, nalgum sítio longínquo e inacessível.

Um cativo na rua, tras dumha pomba, evocou-me a eterna procura polo Home da Beleza fugidia.

As gaivotas na dorna imóvel, semelhavam i-la desamarrar dum momento a outro para fazê-la navegar.

Em que sítio paradisíaco havia-se de tornar a nossa vila, se, de súbito, ao jeito dos entangaranhados porcos evangélicos, todos os automóveis saíssem disparados a se mergulhar para sempre na Baía.

Segundo vejo de ateigadas certas ruas -e mais em dias feriados-, penso que numha precipitada manobra de adaptação biológica, o nosso homem, impensadamente, vai criar aas, convertendo-se no primeiro antropeide capaz de voar.

É para pensar se a alongada feitura da Marineda mais cabal nem daria esse feixe de lançais raparigas, de andar estilizado por séculos de estreitas ruas.

Disque nestas terras escasea o sol. Muito haveria que replicar a isso, particularmente no que atinge à nossa arriscada península, varrida por todos os ventos. O que si é certo é a ledice especial que proporciona o sol, quando fai dos dias de Marineda paisagens cintilantes que pouco têm a invejar ao sonado brilho das terras mediterrâneas. A nossa vila cobra entom um ar luminoso e fundo, como se o mesmo céu entrasse nela.

Levava todo o sol
em cima dele
e as gaivotas
arrodeavam-no
em cortejo
branco
e azul
asulagavam-no
tudo
num milagre
de luz
e vento ceives.

Assi, quando
no longe
se esvaiu
a paisagem
ficou como
assombrada.

Na noite passada, segundo debalou, o mar foi sementando a praia de algas pardas. O abreinte surpreendeu-nas debruçadas na areia, como turistas de passo. Porque o mar nom as abandonou para sempre. Assi que venha outra maré, co seu ir-e-vir decotio, irá-as levando amodo, umha a umha, duas a duas, até resgatá-las de vez.

Eis esses leitos múltiplos na areia: formou-nos o mar, depois dum dia de requebros, para se botar a dormir com ela, serenos, certos ambos os dous da sua mútua, eterna fidelidade.

O *jet* divide co seu branco ronsel o azul da tarde primaveral, desenhando, em negativo, a nossa bandeira. E um bando de gaivotas berra a sua afirmação da indivissível liberdade do céu, esse seu comum fogar de sempre.

É diferente ver a paisagem ao cabo dumha ruinha que ao fim dumha rua. Da ruinha alvisca-se o panorama dado com avareza: como quando se olha por um buratinho, e se ve o todo concentrado, numha sinfonia de cores vivas.

Pois eu, sei dumha ruinha que vai ser convertida em rua (já era hora!). A ruinha dá ao mar. Dali advertia-se, no anoitecer, um horizonte de nuvens grisazuis e baixas -quando as havia-, semelhando montes que nom existem, como se surgiram, Atlântida rediviva, directamente dos abismos do oceano.

Tal como a besta que colhéu o costume, os meus pés levavam-me, quase que sem eu lhe-lo pedir, polos entranháveis lugares de velho conhecidos, baixo o doce orvalho deste outono novinho do trinque...

Tocava a banda na Pracinha das Bárbaras, e as árvores, como recolhendo umha homenagem, devolviam aos músicos um agradecimento de folhinhas murchas.

Alô no cabo do Dique estás, pena abalante, distinta entre miles, para surpreender a quem, saíndo da rotina, dá umha volta pola banda de fora, a procurar azuis, luminosas soedades.

Morna manhã de outono, da doçura habitada...

Doce a onda que inventa a penedia.

Doce o ronsel do *jet* no alto celeste

e doce, no silêncio, da sereia

o roncom, e dumha ave doce o chio

-herdeira universal, sem o saber,

da queda bris, da lene maruxia...

Doce o fume que sobe da outra banda

do mar -quase fantástica na brétema...

Doce a auga dourada baixo o sol,

e mesmo doce a vila ergueita ao fondo.

Doce o veleiro que como que voa

e doce o pescador meditabundo.

Doce o peirau que fende a lonjania

e doce o caminhante, que quixera

abranger cabalmente a formosura

até o grolo final -doce veneno.

No meio do Dique, em riba, de pé sobre a muralha, avançando cara ao mar, domina-se um panorama circular do que o Dique é o diâmetro; às costas vai ficando a Cidade Velha cos dous fitos da Torre e mais o campanário de Sam Domingos e o adiantado Castelo -ilha que foi-;

à direita a vila nova cos salientes da *Torre Corunha* e o pelourinho salomónico da Telefónica; e de fronte a ampla paisagem marinhá, desde o areal de Santa Cristina, apenas interceptado polo Pantalám, até o cabo de Mera -cos seus dous faros-, a ponta Cuitelada e os cabos Prioirinho e Prioiro, encetando já o oceano sem fim.

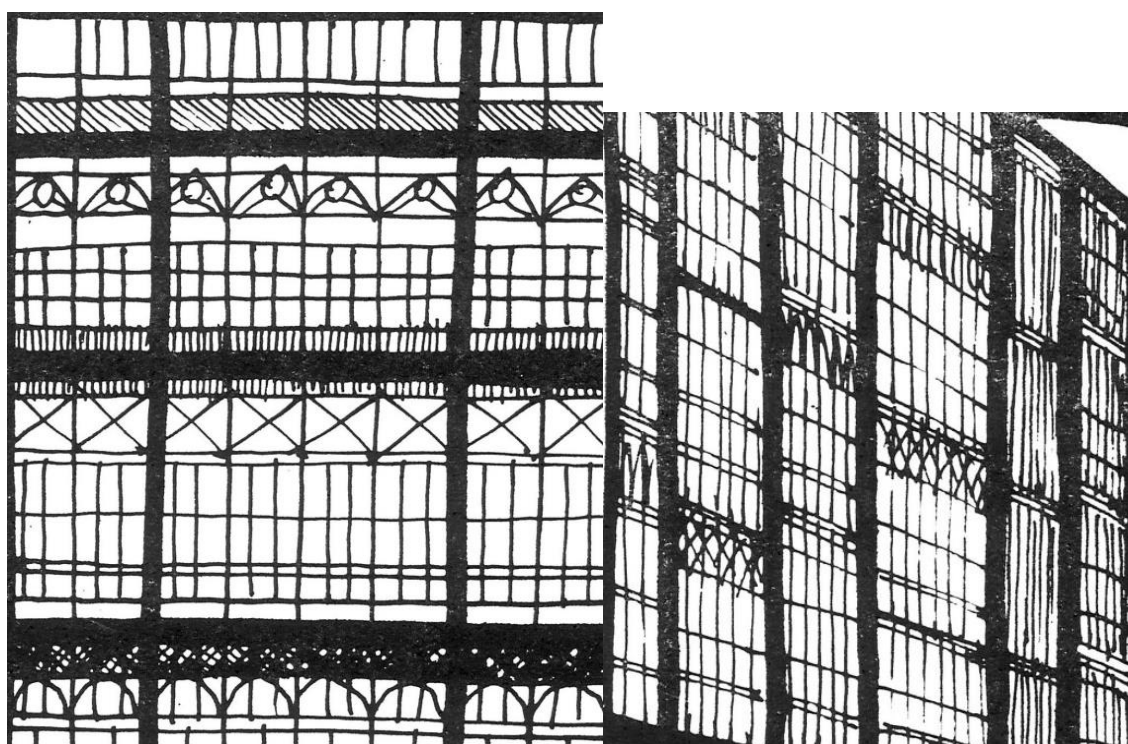
Semelhante a esse fato de cativos que vai em seguimento de todas as charangas aldeás, o barquinho pesqueiro arribava ao peirau, entre recentes trovoadas e céus ainda ameaçantes, escoltado o seu ronsel gris por um chiente bando de gaivotas.

Eu bem sei de alguém que, por um intre só, quixo ser ave marinha, para integrar assim o ledó cortejo e se esquecer, ao tempo, da sua culpável natureza duplamente burguesa.

Silêncio. No Dique mora o silêncio. Um silêncio azul, gris, ocre. O quase silêncio do mar: essa música.

TRASACORDÁRIO

Para Francisco A. Vidal



Cidade
admo de mim
lua em debalo
noite molhada de
melancolia
procuro-te cidade
no meu dentro
como se fosses
um amor que chega
ou algo que se vai
sem ter chegado...

Como halo fugidio
corpo astral
deste mistério
que som eu
cidade
que somos
todo home
e toda cousa.

Procuro-te
na angústia
que me emborca
no teu imaculado
labirinto
(nom as cloacas
nom as mil chabolas
nem os prostíbulo
nem a mendicidade
nom o ágio inumano
vendepátria
si o teu felugem puro
que nom manca
o agarimo nutrício
essa placenta
cordial do teu ser
puro)
e por vezes
cidade
é a cópula
a simbiose
total
como se fosses
um quase amor
que chega...
e como chega
vai-se indo
amodo
sem horário
além de todo
tempo.

Este recolhimento de tarde de domingo
gris, fria, seca e quase oca -de tam alheia-
erichada de antenas e de janelas mortas
aguardando a sua eléctrica ressurreiçom nocturna.

Este recolhimento como de campo santo
com um fundo longínquo de páxaros cantores
que aos poucos vam cesando no concerto gratuito
e espontâneo -agasalho que o homem nom meresce.

Este recolhimento propício à autoanálise,
à evocaçom, à calma -fugidia qual gato-
o deleitoso achádego da alma -que se leva

quase sempre de incógnito e mesmo assoalhada
pola vertigem absurda que é pam de cada dia...
Este recolhimento tem-vos algo de Edém.

Atempestada assim
estás mais clara ainda
teu rosto de ristal
entra melhor
polos propícios poros do espírito
e assume coa sua paz
feliz e
límpida
a paz que anda um a procurar.

Há um destino em ti
antiga vocaçom nunca apurada
que te empurra para
o mar co teu
sorriso..
Nom val fazer elógios já gastos
e si sabermos ver
todo o que os nossos olhos testemunham:
a camélia asedando
o horizonte
a galeria dando-che
optimismo
o Orzán a disputar às altas nuvens
a sua condiçom
de espuma em voo
(ao infinito)
a Ria verde e ouro
na brétema e ao sol fraga e areia
a Torre
elevaçom que nom caduca
Santo Amaro ou uns mortos
a assomarem-se

a esse mar cotidiana fantasia
que o Dique tenta
penetrar dum talho...

Isto é realidade
e nom simples imagem
perdida entre adjectivos arbitrários
tua estética és tu
nom tem emenda.

E assim óleo movente
um sonha-se qual peça
dumha arte
cada hora diversa
mália a sórdida mao
dum ágio criminal
que logra apenas
esfianhados retrincos
da tua formosura
inderrotável.

Pola soedade
do teu ventinho e do teu sol outoniço
a tarde
caíndo sobre ti
adorminhada
polo alcatráam andando
frescor do teu peirau
recendo a firmeza
para este corpo canso.

DIQUE DAS ÂNIMAS

I

Novembro cálido de brisa infinda.
Na minha terra um tempo estivo o paraíso.
Gaivotas qual parrulos a repousar na tona
do mar. Manhá brilhante pérola cintilante.
Cova incomensurável do sonho inapreensível
que mora no murmúrio das ondas sobre os baixos
baixo um céu transparente e um recendo sem nome.
À minha terra às vezes retorna o paraíso.

II

Eras quase irreal
amanhecendo
eras todo do mar que che cantava
a mais doce *berceuse*
amanhecendo
os veleiros faziam-che partir
para um destino aéreo

amanhecendo
as gaivostas e as pombas desenhavam
teu espreguizamento

amanhecendo
as gruas como groux vigilavam
o horizonte com névoa

amanhecendo
.....
Nom sei se dos pouquinhos
que estávamos a ver-te
seria eu só a amar-te
como neno perdido
amanhecendo...

III
No confim da cidade
lá estás
cheio de luz ninho de paz
mastros de pedra horizontal
a furar a lonjania
polícromo mural marinho
polo sol desenhado
acarinhado polo vento
patinado polas chúvias
onde as sombras matizam
cada minuto
em mágica textura dura e risonha
umha arte nova
efémero multiplicado fresco
pintado por ninguém
aberto ao ar.

Luz fantasmal da tarde luscofusco
sombroluz que nom és dia nem noite
és tal como esta velha nostalgia
de nom achar aquilo que procuro.

.....
Mas na noite velada polos gatos
Corunha mai disposta aos quatro ventos
pousa meu coração polos teus curros
no teu lazer o meu lazer acouga.

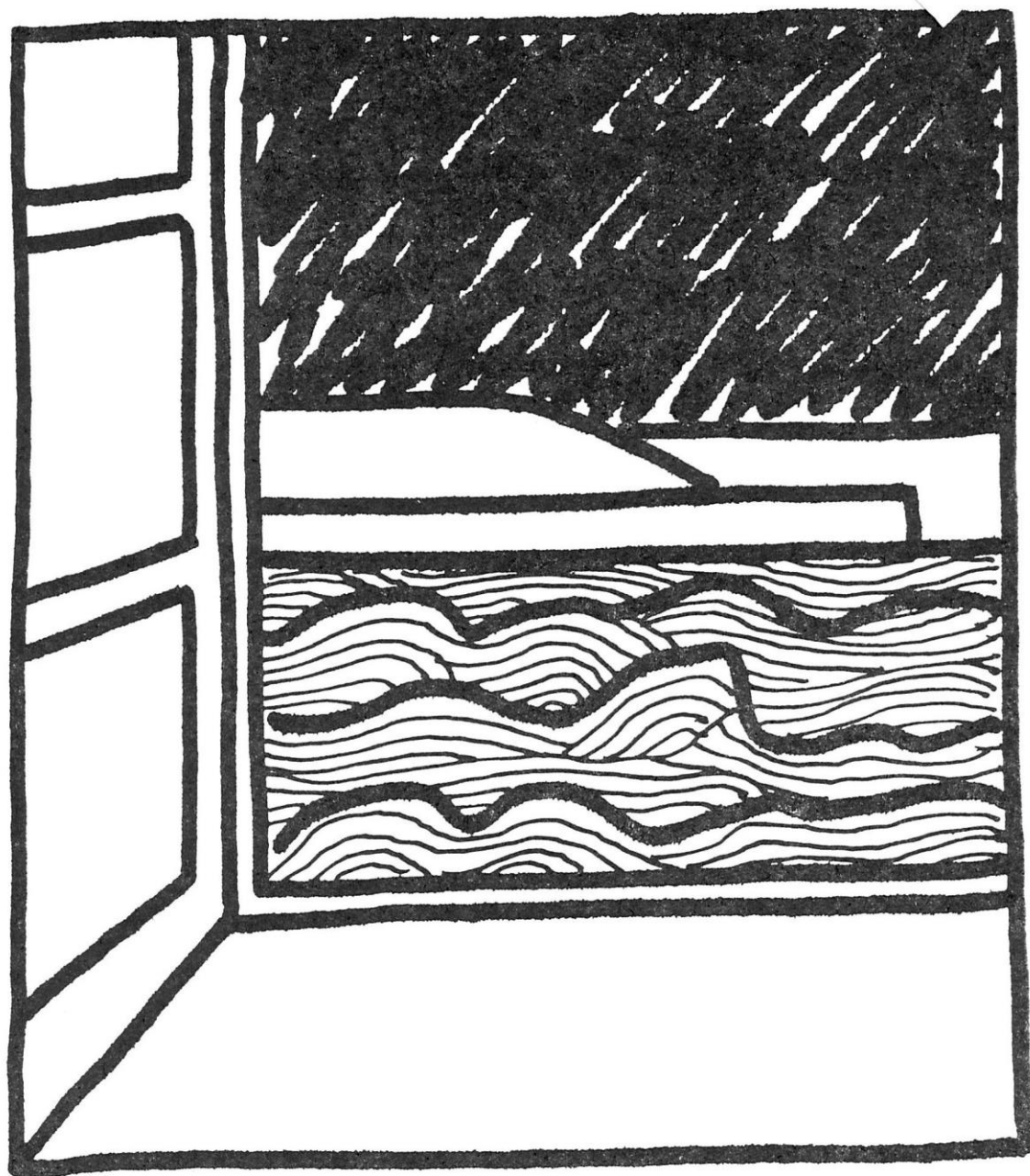
Esta violenta cor do mês
de agosto salferido
do vento mais violento o rosto
e essas gaivotas bolboreteando
e dando a nota
acedamente livre
da sua gargalhada sobre
a vila enlevada

numha invasom
cordial como de ondas em arpégio
vital sem dúvida abonda
para compor
a bela sinfonia que
algum longíncuo dia será tal umha estrela
a iluminar a minha nostalgia.

Cidade do vento minha
cidade da chuvia nossa
cidade do sol minha
pudera morrer agora
assomado à tua beleza
quase navegando-te
debruçado no teu Dique
que fora bem doce a morte.

INVENTÁRIO

Para O Facho



A vila bem se poderia resumir nestas ringleiras de ruas:
Orzám-Panadeiras-Torre: cobra engebre, popular da cidade.
Santo André-Nova-Real: o ziguezague mercantil.
Cantóns-Marinha-Parrote: berço e espelho do sol.
Estrela-Gaiteira-Olmos-Franja: paraíso dos bandulhos agradecidos.

E neste repertório de parques, jardins e praças:
Sam Carlos: o mais original jardim que é dado conhecer; nom tristeiro, mália a tumba que guarda e o muro que o cobexa; mas absorto por mor do engaioleiro espectáculo que tem diante.
Santa Bárbara: o Hoje arrecunchado no Onte.
Sam Domingos: tem um aquel de andaluz jardim de juguete, baixo o chusqueiro olhar dumha torre gentilmente revirada.
Campo da Lenha: para a minha fantasia, praça cum nom sei que de arrepiante, pois que nela segue a ver o velho campo da força.
Maria Pita: eira da vida vilega, areia, harmonia, luz e vento.
Ponte Vedra: umha enorme lousa -nem sequer de mármore- indicando, na sua mudez, que ali jaz umha praça que foi.
Espoz e Mina: as ganas de ser praça.
Portugal: altar dum tirano que, em se trocando os tempos, será a mais belida, *deitada frente ao mar...* (Na praça de Portugal ergue-se o monumento ao Mariscal Carmona, ditador português que foi).
Galiza: sala de espera para aqueles que vam em procura da justiza... ou da *comenêcia*.
Vigo: tem um ar sério e quase gris que nom semelha nosso.
Palhoça: até ontem mesmo apenas umha gándara, perto do peixe, nom longe do tabaco.
Sam Cristovo: nom acaba de assumir o seu destino de vestíbulo da cidade.
Farinha, Santo André, Santa Catarina, Quatro Caminhos: definidas polas fontes que lhes dam vida.
Relleno-Méndez Núñez- Linares Rivas: aqui o mar é o inundado e, mália ficar cada volta mais longe da ribeira, o espalhado parque nom perde o seu exótico engado subtropical, tanto mais prezado quanto menos verdor resta nesta Cementópolis.
Santa Margarida: vai-no salvando da pouta urbanística o feito de ser um monte... inda que já nom tenha encostas, como se surgisse mesmo dos telhados que o arrodeiam.
(Praça da Farinha e Campo da Lenha som os nomes populares e tradicionais das actuais praças de Azcárraga e Espanha).

Hai-vos também rueiros garimosos, tortas vereas, que já som só caminhos, já aproveitam de lindes às leiras, já bordeam alcantilados marinhos ou feras canteiras... polos que um anda esotra vila, entre rural e suburbana, hame-se Monte Alto, Peruleiro, Sam Roque de Fora, O Montinho, Eiris ou Visma... e falam-lhe do mudo labor solidário de muitos pés -vivos ou já mortos- em inacabável fileira...

As mil vereas da vila
vam da miséria à miséria:
de Labanhou ao Portinho
cabo do mont' de Sam Pedro.

Os canhões velando o sonho
das cochiqueiras de em baixo:
se me nom botei a rir
foi porque nom fora honrado.

No meio do sol e a lama
como as chabolas fediam!
Ai, bafo podre do inferno
acarom da maruxia.

Nas penas umhas gaivotas
a ir e vir sobre o mar:
de nom dar nojo diria
gaivotas, jóias do ar...

Numha furma medonhenta
algas na auga estancada:
semelhou-e a alma dalguns
que se nom doen por nada.

E alô no horizonte a Torre
num ergueito cintilêu:
berro dos pobres furando
a brétema cara ao céu.

Berbiriana, Caramanchom, Febilheiro, Campo da Estrada, Fita, Cancela, Inferninho, Palhoça, Leirom, Pelámios, A Rabiada, Parrote, Rego da Auga, Perete, Ruas Alta, Cega e Nova... topónimos mais ou menos deturpados ou vivos, que, no coração da vila, nos falam dumha galegidade corunhesa à que hai-no que confesar, estamos pouco afeitos.

E, assim como a maior parte do senhoritismo vilego provém, duas gerações para trás, quando muito, dos milheiros de vilas e aldeias de toda a Galiza, também acontece que, apenas traspassados os Quatro Caminos, Santa Margarida ou Rizor, essa mesma Galiza, pouco prodigada no centro burguês, sai-lhe ao passo ao caminhante, voltando polos seus foros: Agra do Orzán, Figueiras, Birloque, Borralthom, Bens, Os Castros, Mato Grande, A Gaiteira, Castinheiras, Medas, Castrilhom, Coirámia, A Moura, As Conchinhas, Parromeira, Labanhou, O Corgo, Os Malhos, Pedra da Águia, As Lagoas, A Cubela, Monelos, Elvinha, Pena Redonda, O Montinho, Monte das Moas, Pedra Furada, Falperra, Camposa, Gramela, Pedra Longa, A Agrela, Nelhe, O Outeiro, Ponte da Pedra, Peruleiro O Souto, O Portinho, A Silva, A Vedra, As Júbias, Sardinheira... entre outros muitos, contrariam o dito senhoritismo daqueles para quem o país natural nom passa os seus *confins*; a tal ponto que nem a sua própria cidade conhecem -uns por alheios ou descendentes, outros sendo autóctones-, ignorando quanta Galiza subjaz na vila e neles mesmos, muitos senom filhos netos renegados de labregos e marinheiros.

E essas costas dos edifícios que dam a um fechado jardim, vedranho e esquecido?... E mais esses currunchos inéditos que surpreendem o caminhante curioso à volta dumha rua qualquer... Abofé que têm o jeito dumha idade morta, nojenta e ao tempo saudosa, coas suas sombras, as suas roupas penduradas a pingarem sobre as lousas desiguais -quando existem-, e as suas fachadas de doscoridas galerias, que olham para ningures, e mesmo parecem ir cair nalgum momento sem que ninguém se decate...

Reviravoltas da Estrada, do Febilheiro, das Bombas, do Arco, dos Picos, de Marinhas, e muitas mais tam perdidas que nem nome merescerom... e lhe dam à vila outro matiz ainda, completando o seu caráter cum bafo de sórdida antiguidade.

Um acordeonista no Mercado de Santo Agostinho... O derradeiro organilheiro co seu instrumento rodante, do que turra um burrinho miserento... As Escadas da Praza com aquel seu jeito de feira aldeá a expor os cacharros de Bunho -ou de quem sabe... A rua do Orzán, de antergas tendinhas cos seus donos quase intemporais... Todo isto é dum anacronismo que tem algo de sobrevivência *nom subsidiada*...

Também subjaz a aldeia no calado palique dos cruzeiros mesturado de patetismo e ingenuidade: Santa Maria, Santa Bárbara, Santo André, Sam Jurjo, Sam Nicolau...

E que dizer das torres... Torre revirada de Sam Domingos... Torre piramidal e deslocada de Santa Maria... Torre ceiva, onte bélica, de Sant'Iago... Torre esquerda de Sam Jurjo, nascida tanto depois da sua irmã gémea... Torre do Sagrado Coração, desarmada, à velhice, da sua agulha... como forom descruzificadas as duas de Meçonço... (A torre de Sam Jurjo que cai à rua de Santo Agostinho data dos anos 1905... mentres o templo é do século XVIII).

E os paços vilegos, mortos por injusticiamento? É-vos umha melancólica história -mais própria do Elegiário, se cara-... Teatro-Circo Pardo-Bazám, Paço dos Zuazo ou do Economato, Casa Gótica do conde de Sam Romám, Hospital...

E as originalidades locais... Nom reparastes na aparente secularização que as armas da vila semelham ser do teocrático escudo nacional? Como se os liberais indígenas trocaram o grial por um faro, a hóstia por umha luz, as cruces por umhas conchas...

Os trocamentos de pedras, a jeito de mudanças feitas para que *as fortes* nom se fastiassem de ver decote a mesma paisagem... Porta de Santo André para a Casa da Cultura do Parrote... Fonte da Fama, desde a Marinha à pracinha de Santo André... Templo de Sam Francisco, das penas da Baía às rochas de Santa Margarida... Suportais do velho Hospital morto para o novo Instituto Da Guarda...

Ou essa quádrupla homenagem a umha mesma persoa, como o velho político compostelán Linares Rivas o foi: a coluna chamada Obelisco, o seu monumento na Rosaleda, e a avenida do porto e mais o peirau do seu nome...

E mesmo essoutra comemoração, por certos vizinhos do *Segundo Baluarte de la Libertad*, quando erguerom a dous mandons baratos cadanséu monumento, em cadanséu lugar e tempo... (Os dous aludidos mandarins som o mentado mariscal português e mais o general espanhol que fixo tristemente cêbre a frase: *¡Muera la inteligencia!*).

Ou aquela fortaleza trocada em jardim de Sam Carlos... O hotel feito onda a velha Cadeia do Parrote... Ou o Teatro Rosalia sobre a velha paróquia de Sam Jurjo... Signos do imorredoiro humor que agroma no próprio cerne da vila.

E se botássemos, por fim, umha olhada à fauna da beiramar? No abrete, as gaivotas estream a areia, e como que a tatuassem coas suas inquietas palminhas de três dedos...

Já mais tarde, som os rapazes caminho da escola quem, se cadrar em sábado, fam parada na praia, trocando-a em campo dos seus brincos gatunherios... Também nom falta entom algum velho, alcunhado de excêntrico, que como num rito, vem tomar os seus banhos..

Outros dias, quando as grandes baixameres, merodeiam o areal procuradores de tesouros fugidios... quando nom os que, aprendizes de mariscadores, andam aos moluscos...

E os cans que disfrutam, como poucos, das moles e douradas distâncias?... Ou os raros moços que fam o *surf* em idílio coas ondas comprazentes?...

Nom falemos já das multitudes do veráu, que como que asovalham a areia, num espectáculo nom sempre todo o grato que um quiger...

E nos solpores, som os noivos os que póvoam a beiramar, mais arroladora do que nunca, co seu murmúrio incansável...

A Cidade Velha e o espírito, o recanto no que Marineda cavila na sua beleza.
Pola Baia ela olha à Galiza.
Pola Orzán otea o infinito.

.....